

O DESTINO E A CONSTITUIÇÃO DO SER

ZILDA MARENGO PIACENTI GORRESIO

Abstract: This article aims at an approach to the mythical notion of Destiny as a divine principle – “Moira” – according to the thought of the Ancient Greece. In that sense, the Moira appears as the very constitution of the Being, either godly or human, as a means of characterizing the cosmic *éthos*. Such mythical approach is related to Jung’s Psychology concerning the collective unconsciousness and the concept of Self, this constituted archetypically as a normative principle.

1. MOIRA E O PENSAMENTO MÍTICO

É no pensamento mítico arcaico que encontramos as primeiras referências sobre o Destino, ou, como foi chamado na Antigüidade grega, Moira, nos textos de Homero e Hesíodo. Para entender o que os gregos pensaram sobre Moira é necessário compreender a estrutura do pensamento mítico. Queremos dizer com isto que a atual visão de mundo é um produto tardio da civilização ocidental, visão que tem seu enraizamento não só no que nomeamos exterioridade, mas também na “interioridade psicológica”, de onde se originam nossas decisões e atos.

A interioridade psicológica gerou o que chamamos hoje de personalidade. Falar em personalidade parece “natural”, mas é fruto tardio de nossa história. Assim, o entendimento que temos do mundo e a distinção que fazemos de todos os fenômenos são pensados através de duas formas:

Zilda Merengo Piacenti Gorresio é psicóloga junguiana e pesquisadora na Faculdade de Filosofia e comunicação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

os conteúdos da interioridade psicológica, portanto da subjetividade, e os conteúdos da realidade exterior, a objetividade. Esse esquema dicotômico configura as fronteiras para a compreensão dos fatos como subjetivos, e por isso muitas vezes, para não dizer sempre, entendidos como dotados de *menos realidade* frente aos fatos objetivos, de *absoluta realidade*. Ao menos assim os significamos, hoje. No pensamento mítico não existe, a rigor, essa dicotomia, o que nos remete à ausência da noção de indivíduo como pensamos hoje, em que um Sujeito é o custódio da sua dimensão interior e sabedor de si mesmo, responsável por seus atos. A descoberta da interioridade enquanto oposição à exterioridade será feita paulatinamente, sendo experimentada, segundo alguns intérpretes como Bruno Snell, pelos líricos gregos. Também a tragédia, ao refletir sobre a relação entre agente e ação, sem contudo chegar a atribuir ao agente uma vontade própria, apontará as sementes dessa interioridade. Caberá à Filosofia estoíca, ao nosso ver, a delimitação dessa área de autonomia do sujeito, enraizada na noção de vontade.

Sabe-se que o pensamento mítico é concreto e simbólico, suas figuras reúnem frequentemente em si atributos contraditórios, que carregam nelas aspectos díspares da realidade. Por isso capta e compreende as nuances opostas da realidade, reunindo em uma só imagem seus aspectos antagônicos, diferentemente do nosso pensamento atual de rigor conceitual. O pensamento mítico tem outra forma de organização e outra modalidade de coerência que não aquela que nomeamos “racionalidade argumentativa”. E ainda mais, trabalha sobre outra modalidade de tempo, um tempo que poderíamos chamar de não-quantitativo, não-sequencial, não-amoldado às causas e efeitos, forma pela qual nosso pensamento racional costuma trabalhar com o tempo. Chamaremos a esse tempo de qualitativo.

Isso será importante termos em mente quando tratarmos da origem de Moira como divindade mítica e sua filiação. Nosso esforço, portanto, será o de traduzir o pensamento mítico para nossas modalidades conceituais, na medida do possível.

2. A MOIRA E A ORDEM DO MUNDO EM HESÍODO

Segundo Chantraîne¹, a palavra grega Moira provém do verbo *meíromai*. Esse verbo na voz ativa é *meíreo* e quer dizer “receber uma parte”. Como lemos na *Iliáda* no canto IX, 616:

1. Chantraîne, Pierre. *Dictionnaire de la Langue Grecque*.

Seja rei, seja meu igual e receba uma parte de minha honra. (meíreo tímés)

Apomeíretai, com a preposição “apo” quer dizer “pegar sua parte”. Em sentido ativo significa “repartir” ou “dividir”. Também pode significar “ter uma parte de” *emmore*, carregando a idéia de ter honra e dignidade legítimas. Assim, na *Ilíada* no canto XV, 189 podemos ler:

O mundo foi dividido em três, cada um teve suas honras. (ekastos d'emmore tímés)

Ainda segundo Chantraîne, a palavra Moira (feminina) pode significar parte de um terreno ou de um país, “aquilo que convém” *kata moiran*, daí “destino”, ou às vezes “morte”. Como diz Homero na *Ilíada*, no canto XV, 206:

Divina Iris, o que você me diz é o que convém. (kata moiran)

Moira, quando personificada, tomará o sentido de deusa do destino e da morte, como lemos na *Ilíada* canto XXIV:

v. 49 ... as Moiras fizeram aos homens um coração apto a resignar-se.

v. 209 Lastimemos o filho querido em nossa casa, que a Moira terrível, ao seu nascimento, lhe fiou destino cruel...

A *Teogonia* de Hesíodo tem como tema central a partilha e os lotes, que se traduzem no advento da existência das inúmeras divindades. Partilha das honras, como cantam as musas nos Versos 108-113 da *Teogonia*:

Dizei como no começo Deuses e Terra nasceram, (...) Os deles nascidos deuses doadores de bens, como dividiram a opulência e repartiram as honras, e como no começo tiveram o rugoso Olimpo...

A ordem do mundo, na *Teogonia*, se completará em três diferentes momentos. Começa pela divisão do Mundo (*Teog*, 116) com o advento de Caos, Terra, Tártaro e Eros. Temos, assim, quatro princípios cosmogônicos dos quais as outras divindades descenderão.

A presença de cada divindade coincidirá com o domínio dessas divindades, isto é, seus encargos, atribuições e funções. Assim, Terra, segundo o verso 117, é “de todos sede irresvalável sempre”, é a matriz, o sustentáculo, a segurança inabalável de tudo. Ela é a Grande Mãe, a detentora das sementes da vida, nela os deuses do Olimpo têm seu fundamento. Tártaro, por sua vez, é nevoento ou invisível e fica no “fundo do chão de amplas vias” (verso 117). O Tártaro, “terrível até para os deuses imortais” (verso 743) é o lugar onde “se eleva a casa terrível da Noite trevosa” (verso 744). Eros, “dos deuses todos e dos homens todos ele doma no peito

o espírito e a prudente vontade” (versos 120-121). Caos, por sua vez, é o primeiro a nascer, “Sim, bem, primeiro nasceu Caos,” (verso 117).

Caos vem do verbo *kaimô* que quer dizer, abrir-se, entreabrir-se, e ainda, abrir a boca, ou o bico.² Caos abre-se, permanece ele mesmo dando origem a outras divindades. Dele nascem Erebos e Noite. E da Noite nascem, segundo verso 218 da *Teogonia*, entre outros filhos, as Moiras: *Cloto, Láquesis e Átropos*.

Da Terra, por partenogênese, nascem o Céu, as Montanhas e o Mar. Essas divindades, da primeira fase cósmica, múltiplos centros do grande Cosmos, nascem todos por partenogênese. A partenogênese é a forma mítica de representar, ou seja, é a forma simbólica que carrega o sentido de que esses múltiplos centros do grande Cosmos são princípios. Portanto, a partenogênese lhes confere o sentido de que eles são absolutos em si mesmo.

O segundo momento, o da geração divina, estende-se de Uranos a Cronos, dada por *hierogamia*. O terceiro momento se dará pela geração e lutas de Zeus. Esses deuses serão centros para onde convergirão as honras, poderes e domínio. São forças específicas, fontes de poder que infundirão um sentido de respeito aos homens. Cada deus grego terá sua *timé*, suas honras e poderes específicos. Desse modo, toda transgressão ao domínio de um deus implica numa diminuição de seus poderes, num enfraquecimento da sua *timé* e de sua excelência.

O Mundo de Hesíodo se constituirá num conjunto de Numes ou Divindades delimitadas por uma ordem, ou seja, por Moira, que lhes atribui os campos de ação, as honras e os privilégios. Moira como Destino, à visão grega, aparece como lote ou partilha. *Ela é a própria condição constitutiva das divindades, bem como o princípio de ordenação por divisão. Moira é a própria constituição do ser de cada divindade.*

Essa questão é da maior importância para entendermos a noção grega de Destino, *como condição constitutiva do ser*, do lote de cada um. *Moira sendo imanente ao próprio ser, corresponde aos limites ônticos de cada ser.*

Podemos entender, então, porque os deuses a ela se subordinam, uma vez que ela é imanente à constituição da própria divindade. Moira exerce sua coerção sobre os seres dada a impossibilidade de cada ser

2. Torrano, Jaa. In *Introdução à Teogonia de Hesíodo*, p. 43, ed. Iluminuras.

ultrapassar seus limites, e, quando tentam ultrapassá-los, as duras Erínias que nada esquecem estarão prontas para puni-los.

No primeiro momento da *Teogonia*, o momento cosmogônico, Moira não tem nenhuma descendência, paira soberana sobre todos os deuses. Moira como princípio imanente de ordem, discriminação, *é o próprio "éthos" cósmico*. Como veremos mais adiante, sua qualidade de lei moral cósmica ficará evidenciada em Hesíodo, num segundo momento, como filha de Zeus e Thémis, tendo como irmãs, entre outras, a Equidade, Justiça e Paz.

Moira personifica-se em três figuras femininas, pela primeira vez, e também são nomeadas como filhas da Noite (v 217,218). Tanto como filhas da Noite, bem como filhas de Zeus e Thémis, na terceira fase cósmica, são elas: Cloto, Láquesis, Átropos tendo cada uma função específica sobre a destinação de cada ser mortal.

Cloto, do verbo *klóthein*, significa fiar, portanto, *Cloto* significa a fiandeira. *Láquesis*, do verbo *lankhánein*, em sentido lato quer dizer sortear, portanto *Láquesis* é quem sorteia (distribui) o lote. *Átropos* tem em seu nome o "a" privativo e vem do verbo *trépein*, voltar, portanto, *Átropos* é a que não volta atrás, a inflexível, sua função é cortar o fio da vida.

Na terceira fase, Zeus irá contrair núpcias com as filhas das três Potências primordiais, Céu, Terra e Mar, e completará, assim, a Totalidade Cósmica, englobando em si mesmo, através das núpcias, as três Potências Primordiais, já delimitadas e definidas. As três fases cósmicas emergem numa outra qualidade de tempo, o tempo de Zeus, onde não são aniquiladas nem destruídas como ordens anteriores, mas vivem em suas múltiplas interrelações.

Essas três linhagens são, na verdade, conexões genealógicas, mas que não implicam na idéia de sucessividade e sim de concomitância, pois os filhos são a expressão da natureza dos pais, bem como os filhos já estão expressos nos pais. O significado dos casamentos de Zeus é dado pela linhagem de cada esposa, e essas linhagens são as expressões de seus genitores. Zeus, portanto, é ele mesmo e é o outro.

Ora, este apanhado da fala hesiódica demonstra que o pensamento mítico, ao usar imagens concretas, coloca, de forma poética, as idéias de Mesmidade e de Alteridade de maneira simbólica, através da *coincidentia oppositorum*,³ ao contrário do pensamento filosófico.

3. Expressão usada por Jung, quando se refere à união de opostos numa imagem, característica tanto da linguagem dos sonhos quanto da linguagem mítica.

Essa questão permite pensar a relação de concomitância entre os eventos e não necessariamente uma relação de causa-efeito, como colocamos no início do trabalho. Zeus, por exemplo, é ele mesmo mas é Thémis também, na medida em que essa divindade a ele se incorpora. E Thémis é Thémis ela própria, pois tem uma história que não é de Zeus. Eles são uma *coincidentia oppositorum* pelas suas núpcias, os opostos Céu e Terra podem coincidir. Zeus é ele Mesmo tanto quanto Outro, o que nos leva a pensar que Zeus, ou Métis, ou Thémis, não só são expressões individuais de seu ser, mas expressões da Potência Original de sua origem, que se desdobra e se organiza de forma diferente.

O que estamos investigando é muito pertinente à psicologia, pois, em certo sentido, falamos de padrões herdados da linhagem familiar. O destino e a hereditariedade, conseqüentemente, estão intrinsecamente ligados, e a família representa uma das grandes expressões do destino. Isso porque as gerações constroem pedra sobre pedra, muros, limites, círculos além dos quais, muitas vezes, a pessoa não pode passar durante sua existência.

Tal colocação remete-nos à concepção do que os gregos conceberam sobre *génos*. *Génos* do verbo *gígnomai* significa “nascer” e também “tornar-se” ou “vir a ser”. Carrega a idéia de tornar-se conforme as determinações do nascimento”.⁴ A descendência é sempre a manifestação da natureza do *génos* de onde se provém. Das três grandes linhagens da *Teogonia*, portanto, serão estruturados outros grupos e subgrupos que terão a expressão de sua individualidade, mas fundados numa natureza que os ultrapassa, sobre-pessoal, ou seja, seu *génos*.

Os grupos e subgrupos, os *genés* dessa grande linhagem, constituirão múltiplos centros absolutos que formarão o Grande Cosmos, e que estarão todos sob a égide de Moira que os constitui.

Mas há ainda uma pergunta que devemos fazer: como entender a descendência de Moira, tanto como filhas da Noite, primeira linhagem, e como filhas de Zeus e Thémis, segunda linhagem? E por que num momento ela é um princípio imanente e não personificado, nunca nascido, e noutro ela é personificada?

Como já colocamos, o tempo no pensamento mítico não é um linear-quantitativo, mas sim um tempo qualitativo. Temos que pensar que os três

4. Torrano, Jaa. Hesíodo, in *Introdução à Teogonia*, p.78.

momentos da teogonia não são sequenciais, não há uma sucessão cronológica. Uma fase se destingue da outra por uma *qualidade temporal diversa* que se expressa por uma *qualidade de ordenação do mundo também diversa*, e não por uma quantidade temporal. Moira, enquanto filha de Zeus e Thémis, identifica-se com Zeus, pois Zeus determinou a grande Partilha, o que implica dizer determinou a constituição de cada parte quando gerou as Moiras. E os filhos sendo a expressão dos genitores, Moira enquanto filha de Thémis a expressará. Thémis é deusa de natureza terrestre, que expressa a potência de origem, a Terra, fundamento do ser. Ela é a Lei Ancestral. Como sua descendente, Moira é fundamento do ser, Lei Divina, ao mesmo tempo que é partilha enquanto filha de Zeus. Ela é Thémis e Zeus, então é o limite ôntico de cada ser. Zeus e Thémis são a imagem mítica em que se reúnem os contrários: fundamento e partilha, Céu Terra, que caracterizam Moira, uma *coincidentia oppositorum*.

Em primeira linhagem as Moiras são filhas da Noite, e Noite é filha de Cháos, a grande abertura. Então, o que essas imagens querem nos dizer? Segundo *Teogonia* v. 218:

Cloto (*fiandeira*), Láquesis (*distributriz*), e Átropos (*inflexível*) (*são as*) que aos mortais, tão logo nascidos, dão os haveres de bem e de mal...

Vemos que a partir desse momento as Moiras são nomeadas, e como mostra o verso, passam também a atribuir aos mortais os haveres de bem e de mal. Começam a agir sobre eles, como agiram sobre os imortais, os deuses, dando-lhes limites ônticos. Mas, com os mortais, elas também terão a função de delimitar-lhes o tempo da vida, visto que são mortais. Como filhas da Noite, expressarão a natureza de sua genitora, esta que, por sua vez, expressa a natureza de Cháos, seu pai. Cháos, compreendido como a grande abertura, vão, goela, é o que está em “aberto”, o que está por ser discriminado. E como filhas da Noite? Noite é a imagem mítica da escuridão, portanto, daquilo que não está presente ou revelado, daquilo que não é visto e dito, mas que é. Sendo assim, *Moira é os limites ocultos de cada ser, é o que está em aberto para vir a ser, mas que não se pode ver e nem saber*. A filiação de Moira à Noite é a imagem mítica daquilo que se impõe sobre nós como destino, à revelia de nossa vontade e conhecimento. Estamos em abertura como se não tivéssemos limites, e isto é que é o nosso “caos”. Sobre nosso lote nada sabemos, tanto quanto sobre nosso futuro e nossa morte. Tudo está oculto na Noite, apesar de já traçado ou em potencial. Tudo está em aberto porque nada sabemos.

Assim sendo, as três Moiras se configuram de três modos para os humanos: como a que tece o fio da vida, a que dá o lote, e a que tira a vida.

A Moira é o que sobrepassa, ou está além do individual, ao mesmo tempo em que define e delimita o ser pelo lote ou partilha, dado no nascimento dentro de um géno. Sua função é, portanto, ontológica. Moira é o princípio individualizante, mas como é a que guarda os limites de cada um e cria a ordem, ela é também criadora do cosmos. Por isso nenhum indivíduo pode ser pensado como um ser isolado, ele é o que é, porque se constitui na medida em que se constitui a Totalidade Cósmica que, por sua vez, é constituída por múltiplos centros absolutos principais.

Moira, então, é a ordem do mundo, é a lei que determina os limites de cada ser, humano ou divino; não é uma força predeterminante que dita cada ação de um homem, mas apenas seus limites ônticos. Dentro dos limites ditados por Moira, os homens e os deuses devem viver porque são parte dessa Grande Ordem determinada por ela.

3. MOIRA, SELF E INCONSCIENTE COLETIVO

Para a consciência mítica do homem, o universo aparece animado por forças divinas sob a égide de Moira, constituindo assim a ordem Cósmica. Isto é pertinente também à psique do homem moderno. Coube a Jung redescobri-la. Ela representa a camada mais profunda da psique, a qual ele denominou de inconsciente coletivo ou psique objetiva. Esta é uma das mais importantes descobertas da psicologia profunda, que tentarei relacionar agora com a questão da Moira.

Vimos que Moira é ordem do mundo e a lei que determina os limites de cada ser. É distribuidora de justiça, no sentido de punir toda desmedida ou *hýbris*.

Mas, o que seria Moira sob a perspectiva da psicologia junguiana? Como estas noções de destino reaparecem no pensamento junguiano? E ainda, como essa força atua na psique do homem moderno regulando ou punindo as transgressões dos limites por ela impostos?

De modo resumido podemos dizer que, na obra de Jung, encontramos novas palavras para Moira. A noção da *misteriosa ordem da psique e do mundo é o inconsciente coletivo: a realidade que transcende a consciência e aparece como origem da mesma*.

É necessário compreendermos o que Jung entendeu por inconsciente coletivo e seus conteúdos, os arquétipos, pois são as bases para a compreensão do trabalho.

Visto de uma perspectiva histórica, foi mérito de Jung ter redescoberto, pela vivência com a psicopatologia, o inconsciente coletivo. Aquilo que nós consideramos hoje conteúdos do inconsciente, os arquétipos, foi concebido na antiguidade como divindades que habitavam um espaço objetivado, e controlavam a pessoa do “exterior”. É assim que Ares era sentido como cólera, Afrodite como paixão amorosa, Atenas como inteligência e assim por diante. Essas divindades eram como partes objetivas da psique com as quais se dialogava, oferecia-se sacrifícios e reverenciava-se.

A idéia de um mundo como um conjunto de numes ou divindades delimitadas por uma ordem, ou seja, Moira, formando uma Unidade Cós-mica, e a alma humana como parte desta ordem, está presente no conceito de “inconsciente coletivo”. Aquilo que primeiramente tinha sido compreendido como uma multiplicidade de “numes”, agora é compreendido como arquétipos, e o que tinha sido compreendido como a ordem dessa multiplicidade, formando uma unidade cósmica, é o inconsciente coletivo.

Para Jung a alma é múltipla, ou melhor: uma unidade constituída de múltiplos centros, os complexos autônomos, cujo cerne são os arquétipos. Esses múltiplos centros, embora separados, estão ligados entre si, e são relativamente independentes, a tal ponto que certos complexos jamais encontram-se associados ao Ego (centro da consciência).

Quanto ao inconsciente coletivo, diz Jung a respeito:

Um certo estrato por assim dizer superficial do inconsciente é sem dúvida pessoal: nós o chamamos “inconsciente pessoal”. Esse se apoia porém sobre um estrato mais profundo que não deriva de experiências e aquisições pessoais, mas é inato. Esse estrato mais profundo é o assim chamado “inconsciente coletivo”. Escolhi a expressão “coletivo” porque este inconsciente não é de natureza individual, mas universal, isto é, ao contrário da psique pessoal, possui conteúdos e comportamentos que – *cum grano salis* – são os mesmos em toda parte e para todos os indivíduos. Em outras palavras, é idêntico em todos os homens e constitui um substrato psíquico comum, de natureza sobrepessoal, presente em cada um. (...) Os conteúdos do inconsciente pessoal são principalmente os assim chamados “complexos de tonalidade afetiva”, que constituem a intimidade pessoal da vida psíquica. Os conteúdos do inconsciente coletivo são, pelo contrário, os assim chamados “arquétipos”.⁵

5. Jung, C.G. Vol. IX. tomo I. O C. p. 14.

Os arquétipos são os determinantes da percepção e da experiência psíquica. São formas sem conteúdo, fatores transcendentais e irrepresentáveis. Revestindo-se de uma imagem, a imagem arquetípica, é a experiência psíquica da força ativa que se expressa através de cada fantasia, de cada sentimento e de cada pensamento.

O conceito de Self, como arquétipo central, revelou-se inicialmente para Jung a partir de sua própria experiência subjetiva, que lhe apareceu como um claro pressentimento de algo central na alma, diferente do Ego, centro da consciência, que se apresentava sob a imagem de mandala. Diz Jung a respeito:

Só pouco a pouco compreendi o que significava propriamente mandala: “Formação – Transformação, eis a atividade eterna do eterno sentido”. A Mandala exprime o Self, a totalidade da personalidade que, se tudo está bem, é harmoniosa, mas que não permite auto-engano. Meus desenhos de mandalas eram criptogramas que me eram diariamente comunicados acerca do estado de meu “Self”. (...) Compreendi sempre e mais claramente que a mandala exprime o centro e que é a expressão de todos os caminhos: é o caminho que conduz ao centro, à individuação.⁶

O Self, arquétipo de orientação e do sentido, é um núcleo normativo sobrepessoal da psique: nisso reside sua função salutar. *O Self, portanto, não coincide com o Ego consciente.* Assim, o Ego está em relação ao Self como aquilo que é movido em relação ao que o move. Para Jung, o Self é uma instância da psique cuja função é normativa, diretora e sobrepessoal, e que tende para uma meta que não coincide necessariamente com a vontade do Ego consciente. Diz Jung a respeito da *vontade* do Self:

“Meu destino” significa uma vontade demoníaca com relação precisamente a esse destino – uma vontade que não coincide necessariamente com a minha própria (a vontade do ego). Quando ela é oposta ao ego, é difícil não sentir um certo “poder” neles, seja ele divino ou diabólico. O homem que se submete ao seu destino chama-o de a vontade de Deus; o homem que trava um desesperado e extenuante combate está mais apto a ver o diabo nele.⁷

6. Jung, C.G. . *Memórias, Sonhos e Reflexões*, p. 173.

7. Jung, C.G. Vol . 12 O . C. p. 43, nota 19.

Portanto, na obra de Jung vamos encontrar uma nova palavra para Moira, e um novo conceito para a misteriosa ordem do Mundo e da psique: esta nova palavra é Self.

Parece que o que Jung chama de Self faz arranjos na vida de cada um como as Moiras tecem seus fios, doando aos homens os bens e os males, impondo-lhes limites, bem como punindo qualquer *hybris*. Os acontecimentos da vida e o fluxo de imagens interiores são regulados de maneira misteriosa pelo Self. Aquele que transgride os seus limites ou desvia-se da meta imposta pelo Self, esse lhe obrigará a assimilá-los, quer pelo reconhecimento da necessidade de fazê-lo, quer indiretamente através de penosos sofrimentos, que podem se manifestar através de uma neurose, doenças, desastres ou outras formas de infortúnios.

Não deixa de ser surpreendente quando, na prática da psicoterapia, principalmente quando se observa a série onírica de clientes (e dos meus próprios), com que precisão sequencial e lógica a tessitura do destino se desdobra como imagens dos sonhos e se manifesta como acontecimentos em nossas vidas. Parece existir um programa inteligente que se desdobra no tempo e se manifesta como acontecimentos e imagens internas. O Self parece desencadear coisas incríveis, fazendo com que ocorra situações em nossas vidas que parecem vir de “fora”, que são necessárias para situações “internas”.

Nas palavras de Jung, para finalizar:

O que, no final, induz o homem a seguir seu próprio caminho e elevar-se da identidade inconsciente com a massa como de uma névoa envolvente? Não é a necessidade, pois muitos a têm, e todos se refugiam na convenção. Não é a decisão moral, pois de cada dez vezes, nove também optamos pela convenção. O que é, então que inexoravelmente inclina a balança para o lado do extraordinário? É o que é comumente denominado de vocação: um fator irracional que destina o homem a emancipar-se do rebanho e de suas trilhas gastas (ou seja nosso limite ôptico, nosso próprio lote)*. A verdadeira personalidade é sempre uma vocação, (...) a vocação age como uma lei de Deus, da qual não há escapatória. É preciso que se obedeça à própria lei, como se houvesse um *daimon* sussurrando a respeito de novos e maravilhosos caminhos. Qualquer pessoa que tenha uma vocação e ouve a voz do homem interior: ela é chamada.⁸

8. Jung, OC. Vol. 17, p. 299.

* nota do autor

BIBLIOGRAFIA

- CHANTRAINE, PIERRE. *Dictionnaire Étimologique de la Langue greceque.*
- HESÍODO. *Teogonia.* Trad. Jaa Torrano. 3ª. ed. Iluminuras Ltda. São Paulo. Brasil. 1995.
- JUNG, C.G. *Les Racines de la Conscience.* Trad. Yves le Lay. 1971, Éditions Buchet/Chastel. Paris.
- JUNG, C.G. *Memórias, Sonhos e Reflexões.* Trad. Dora Ferreira da Silva. Nova Fronteira S. A .
- JUNG, C.G. *Psychologie et Alchimie.* Trad. Henry Pernet et Doc. Roland Cahen. 1970, Éditions Buchet/Chastel, Paris .
- JUNG, C.G. *O desenvolvimento da Personalidade.* 5ª. Ed. Trad. Frei Valdemar do Amaral. Vozes, Petrópolis, Brasil, 1986.